

**CONSIDERAÇÕES SOBRE HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO:
DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA EM *O LIVRO DO RISO E DO
ESQUECIMENTO***

Izaías de Souza Freire

RESUMO:

As reflexões aqui suscitadas são frutos do esforço e desejo de debater as aproximações entre literatura e história como possíveis territórios de intersecção. Na esteira desse fio condutor empreender um diálogo com *O livro do riso e do esquecimento* do escritor tcheco Milan Kundera, por meio da temática da memória e do esquecimento. O diálogo será conduzido em duas frentes. A primeira relacionada às estratégias totalitárias dos usos do esquecimento e sua correspondente imediata, a memória. A segunda frente está relacionada aos mesmos aspectos, mas numa perspectiva inversa, a das subjetividades, tendo, o indivíduo como o pano de fundo. Um exercício que oportuniza cruzar indagações literárias que atravessam problematizações da historiografia. Da mesma forma, situar a obra num contexto marcado por uma rachadura na episteme e na paisagem do século XX, onde os grandes temas da memória se insurgiriam sobre o debate da história.

Palavras-chave: esquecimento, memória, história, literatura, Milan Kundera.

ABSTRACT

The main purpose of this work comes from the desire and efforts to debate common aspects between literature and history considering them as possible intersection field. The leading debate undertake a dialogue with the “Book of Laughter and Forgetting” written by the Czech author Milan Kundera on the memory theme on memory and forgetting. The dialog will be conducted by two aspects. The first one is related to the totalitarian strategies and its uses and abuses of forgetting, as well its immediate correspondence, the memory. The second one is related to the same aspects, but in a reverse perspective such as subjectivity and the individual as a background. This exercise brings us the opportunity to face literary questions which cross problems in historiography.

Key words: forgetting, memory, history, literature, Milan Kundera.

Introdução

Há um lócus onde história e literatura se distanciam. Enquanto uma se inscreve na pretensão de conter um discurso de verdade, ainda que de modo relativo e aproximativo, a outra se move livremente, longe de tais amarras, pois a matéria-prima da qual tece sua escritura é a imaginação, cujos limites ultrapassam tais preocupações. A história, se seguir seu itinerário ou o que é inerente ao seu ofício, manterá sempre como regra de ouro a aspiração pela verdade, tendo-a sempre como horizonte de sua elaboração. Esta é indubitavelmente, a fenda que separa a história da ficção. Por outro lado, há um campo em que ambas caminham

de mão dadas e suas diferenças quase se dissolvem quando pisam o terreno da narrativa. É o momento que se encontram em perfeita sintonia, tornando o seu grau de parentesco pouco contestável no DNA de sua escritura. A inventividade e a forma como constroem a narrativa encontram-se próximas nesta condição, que já possibilitou comparações que resultaram em aborrecimentos e toda sorte de imprecações lançadas pela comunidade de historiadores contra uma identificação que ameaçava inclusive, o estatuto da história como ciência. Foi-se o tempo do “assédio moral” contra a literatura em nome do estatuto da história. Tal pressuposto nos leva a crer que a história não precisa mais temer pela sua sobrevivência tendo na literatura uma ameaça. Após tanto debate na academia sobre a relação entre ambas, não há mais como pensá-las numa arena rival. O exercício da história sem abandonar suas pretensões de cientificidade, pode ser feito “pensando com a literatura e não contra ela” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 12). Ela não é um território inconciliável com o fazer historiográfico. Não se trata de ver a literatura como um “manancial” em termos de fontes da história, mas, sobretudo um “lugar de boas perguntas acerca de um problema” (GUIMARÃES, 2007 APUD ALBUQUERQUE, 2007, p. 17) da qual a historiografia deve se servir, como tem feito exemplarmente alguns profissionais da história nos últimos anos. Como se evidencia nos ensaios de *História a arte de inventar o passado* de Durval Muniz (ALBUQUERQUE, 2007, *passim*) as relações entre literatura e história têm possibilitado a elaboração de *questionamentos inteligentes* acerca de problemas, que há muito interessam a historiografia.

De encontro com o viés analítico do diálogo com a literatura os estudos de Serge Moscovici, amparados na monumental obra *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust, empreendem instigante análise do *caso Dreyfus* à luz de problematizações cruzadas no campo da arte e da ciência, da literatura e da psicologia social, em que o conceito da representação social, tendo como objeto o anti-semitismo na França do final do século XIX, abraça a literatura como inestimável campo de aproximação das ciências humanas. Para esse autor a literatura se inscreve no tempo, podendo inclusive, preceder a ciência, quando o “artista se antecipa em descobrir prospectos, problemas e soluções que ainda não foram pensadas no campo da ciência, pois o artista permite levar as suas idéias até as últimas consequências” (MOSCOVICI, 2003, p. 249).

O livro do riso e do esquecimento é do início da década de setenta, momento em que a *onda de memória* começa a sacudir a França, mas que ainda não havia varrido o mundo como se verificaria depois. Esse esmero de escrita se constitui em analisar não os aspectos formais da obra de Kundera, mas sim dialogar com componentes sociais e de sensibilidades tornadas

componentes de uma obra (CANDIDO, 2006, p 14-17). A reflexão irá privilegiar facetas dessa obra em seu tempo e simultaneamente fazer alguns apontamentos temáticos entre dois campos narrativos como possíveis polos de intersecção. Dialogar com as indagações intuídas pelo romancista numa relação das claves da história e da literatura, presidida pela abordagem da memória da história e do esquecimento.

O caminho seria flertar com o romance em dois momentos. O primeiro relacionado às estratégias totalitárias dos usos da história, memória e esquecimento no âmbito do macro. E ancorada nos mesmos aspectos, mas numa perspectiva inversa, a estratégias das subjetividades. É uma obra literária que costurou questões de seu tempo e universalmente de nosso tempo, na paisagem da segunda metade do século XX, onde os grandes temas da memória se insurgiriam sobre o debate da história.

Memória e esquecimento: primeiro aspecto

No conjunto de sua obra, Milan Kundera retrata a sua “profunda desconfiança nas representações harmônicas e totalizantes da realidade” (TAVARES, 2008, p. 35). Tal postura, propositadamente faz figurar num mesmo enredo, o cruzamento de temas aparentemente desarmônicos como poderíamos supor, como é o caso do riso e o esquecimento, se não levarmos em conta o universo que é próprio a este autor. Não se fará um abordagem do riso, uma das sinfonias temáticas da obra. Será privilegiado o aporte inicial escolhido no enredo pelo romancista, o esquecimento.

Introduzido numa prosa escorreita, Kundera, cuja marca de sua estética, a de problematizar questões filosóficas e eventos das possibilidades históricas ou existenciais da humanidade, dá o tom do tema do esquecimento e de seu avesso e contraparte, a memória:

Em fevereiro de 1948, o dirigente comunista Klement Gottwald postou-se na sacada de um palácio barroco de Praga para discursar longamente para centenas de milhares de cidadãos que se achavam concentrados na praça da Cidade Velha. Foi um grande marco na história da Boêmia. Um momento fatídico que ocorre uma ou duas vezes por milênio.

Gottwald estava cercado por seus camaradas, e ao seu lado, bem perto, encontrava-se Clementis. Nevava, fazia frio e Gottwald estava com a cabeça descoberta. Clementis, cheio de solicitude, tirou seu gorro de pele e colocou-o na cabeça de Gottwald.

O departamento de propaganda reproduziu centenas de milhares de exemplares da fotografia da sacada de onde Gottwald, com o gorro de pele e cercado por seus camaradas, falou ao povo. Foi nessa sacada que começou a história da Boêmia comunista. Todas as crianças conheciam essa fotografia por a terem visto em cartazes, em manuais ou nos museus.

Quatro anos mais tarde, Clementis, acusado de traição, foi enforcado. De imediato, o departamento de propaganda fê-lo desaparecer da História e, claro, de todas as fotografias. Desde então Gottwald aparece sozinho na sacada. No lugar em que estava Clementis não há mais nada a não ser a parede vazia do palácio. De Clementis, só restou o gorro de pele que foi colocado na cabeça de Gottwald. (KUNDERA, 1987, p. 7).

Um dos vértices do “esquecimento profundo” é definido por Ricoeur como o “esquecimento por apagamento de rastros” (RICOEUR, 2007, p. 423-435). Ele foi empregado ao longo de toda história, desde os impérios da antiguidade, passando pelo Estado Moderno nas atividades de conquistas, estendendo-se pela história das nações e dos povos. A cena romanesca não se esgota, portanto, numa das estratégias empregada pelo totalitarismo, não obstante ser ele o modelo cabal, que melhor encarnou essa modalidade. Perceber na cena, uma alusão direta a Trotsky e a tentativa do stalinismo de extirpá-lo da memória da revolução de 1917, é levantar uma observação rasa, dado o conhecimento dessa prática de Stálin na história da revolução russa. Clementis representa mais do que isso na cena que abre a trama. Não sendo apenas uma representação da violência grotesca que é a estratégia do “esquecimento por apagamento de rastros” perpetrado pelo Estado totalitário. Clementis é o espectro que ronda as possibilidades de falsificações da história; dos movimentos políticos ou regimes que procuram submeter a memória a história, instrumentalizando-a para sua dominação. O efeito erosivo do esquecimento visa arrastar consigo os vestígios indesejados do passado por meio de uma operação na história, no sentido cirúrgico do termo, ou empregando a metáfora de Kundera, especializando-se no retoque de imagens do passado, como a eficiência de um programa de photoshop. A base de tais usos do esquecimento repousa num presente soberano, que pesa sobremaneira sobre o mundo dos vivos; para aquele que cai em desgraça, a ordem do tempo presente se torna implacável, não perdoando os seus detratores. Numa condição onde o presente reina absoluto, o futuro só existe como quimera e o passado como serviço da “História”. Em tal conjuntura, o presente assombra como ameaça de apagamento ao mundo dos vivos.

Nessa condição a memória se define como força de embate contra o esquecimento. “A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”, diz Mirek (KUNDERA, 1987, p. 7). Neste campo de batalha, a memória é posta como redentora da condição humana, mas também da condição histórica. Ela torna-se contestadora da história em nome da condição humana. Tendo no horizonte esse princípio redentor é que o testemunho é convocado a dizer “eu estava lá”, “eu vi com os meus próprios olhos”. A memória, nesse sentido toma para si o papel de devolver a consciência histórica aos olhos e

aos ouvidos dos que dirão “eu não sabia”. É em tal conjuntura que Henry Rousso observa as diferenças e urgências da relação entre memória e história, se comparado a outro contexto:

Nos países, notadamente a ex-URSS, onde a história sempre legitimou a opressão, os debates entre história e memória e mesmo a possibilidade de empreender uma história da memória colocam-se em termos bem diferentes. Pierre Nora assinala que, se no Ocidente “a memória aliena e a história liberta”, naquele país há que afirmar o inverso: “contra uma história que se transformou em prática de mentira em nome de uma pretensa cientificidade, o retorno à memória pode não ser o acesso imediato à verdade histórica, mas é certamente o símbolo da liberdade e da alternativa à tirania” (ROUSSO, 2006, p. 100).

É verdade que as diferenças entre memória e história nas atuais discussões da historiografia estão de certo modo, ultrapassadas, no sentido de não se criar uma identificação entre as duas ou do elogio incondicional da memória. O debate acadêmico está consolidado a favor de que a memória precisa ser submetida às regras do método historiográfico em sua premissa de cientificidade, e neste sentido a análise crítica da história se encontra num outro patamar. A questão, no entanto, parece se inverter nos casos em que a história é instrumentalizada para a mentira, quando ela vislumbra “a oportunidade sonhada de realizar, por intermédio de seu lugar-tenente” (KUNDERA, 1978, p. 150) a reescrita de seu passado:

Acho muito significativo, sob esse ponto de vista, que Husak tenha mandado expulsar das universidades e dos institutos científicos cento e quarenta e cinco historiadores tchecos. (Dizem que, para cada historiador, misteriosamente, como num conto de fadas, um novo monumento de Lênin surgiu em alguma parte da Boêmia.) Em 1971, um desses historiadores, Milan Hübl, com seus óculos de lentes extraordinariamente grossas, estava no meu apartamento da Rua Bartolomejska. Olhávamos pela janela as torres do Hradeany e estávamos tristes.

- Para liquidar os povos- dizia Hübl-, começa-se por lhes tirar a memória. Destroem-se seus livros, sua cultura, sua história. E uma pessoa lhes escreve outros livros, lhes dá uma outra cultura e lhes inventa uma outra história. Em seguida, o povo começa lentamente a esquecer o que é e o que era. O mundo à sua volta o esquece ainda mais depressa. (KUNDERA, 1978, p. 150-151)

Para um regime que pretende exercer o monopólio sobre o passado e instaurar o seu regime de verdade, o historiador comprometido com seu ofício é visto como principal empecilho da História. É bastante elucidativo no sentido da trama de Kundera, que a visão aterradora sobre o modo de se reescrever a história dos povos, seja articulada pela fala de um historiador, profundo conhecedor do que os processos colonizadores fizeram sobre povos e nações inteiras ao longo da história. Seu realismo histórico pessimista é sintomático do conhecimento de quem possui a lucidez da compreensão desses processos históricos, como

também da iminência de quem tem diante de si, a possibilidade de ver sua própria nação desaparecer diante dos olhos pela produção organizada do esquecimento.

É deveras significativo que a personagem central do romance de Kundera termine numa ilha onde só existem crianças. Um universo amparado sob o fulcro da fantasia, um mundo leve, que ainda desconhece o fardo da memória. Na ilha das crianças, Tamina é um ser dotado de passado e de memória. A alegoria das crianças com seu passado de vida exíguo e, por conseguinte, sem a carga de memória do adulto, na qual a percepção da ordem do tempo é mediada pelo agora, o recurso empregado pelo autor parece sugerir a contraposição dos regimes de esquecimento a memória e a história. Uma nação de crianças seria uma nação sem o peso da memória, e a presença de adultos em seu seio faria com que se sentissem como Tamina na ilha surreal das crianças. O grande anseio dos regimes de esquecimento é transformar o mundo dos adultos num reino de crianças (ROTH, 2008, p. 108):

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1996. p. 426.)

Na esteira do que nos diz Le Goff, há outro aspecto que parece ir ao encontro desta perspectiva e merece destaque no discurso da trama de Kundera, a saber, a problemática relação entre memória, esquecimento e identidade. As relações que os indivíduos ou grupos humanos mantêm com o seu passado em termos do que deve ser lembrado e esquecido, passam necessariamente, pelas respostas que são dadas no presente à questão de quem somos. Percebemos isso na trama pelo olhar do narrador que aponta para as estratégias de dar nomes diferentes às coisas no presente. Nomes “diferentes do de ontem” diz ele, uma artimanha que tem a ver com o modo como as classes dominantes se definem na presente ordem do tempo, pois “o nome é uma continuidade com o passado” e para esquecer esse passado é preciso dar novos nomes, pois como observa o narrador, “as pessoas que não têm passado são pessoas sem nome”:

A rua onde nasceu Tamina chamava-se Rua Schwerinova. Isso foi durante a guerra, e Praga estava ocupada pelos alemães. Seu pai nasceu na Avenida Tchernokostelecka – a avenida da igreja preta. Foi sob o Império Austro-húngaro. Sua mãe instalou-se na casa de seu pai, na Avenida do Marechal-Foch. Isso foi depois da guerra de 14-18. Tamina passou a infância na Avenida Stalin e foi na Avenida de Vinohrady que seu marido foi buscá-la para levá-la para seu novo lar. No entanto, era sempre a mesma rua, só o seu nome era mudado, constantemente, faziam-lhe lavagem cerebral para apatetá-la.

Nas ruas que não sabem como se chamam vagam os espectros dos monumentos derrubados. Derrubados pela Reforma tcheca, derrubados pela Contra-Reforma austríaca, derrubados pela República tchecoslovaca, derrubados pelos comunistas; até as estátuas da Stalin foram derrubadas. No lugar de todos esses monumentos destruídos crescem hoje, em toda a Boêmia, aos milhares, estátuas de Lênin; elas crescem lá como a relva sobre as ruínas, como as flores melancólicas do esquecimento. (KUNDERA, 1978, p. 150)

O esquecimento impingido pelo Estado ou por grupos dominantes constituídos é permeado por essa complexa relação de poderes que atravessam as noções de memória e identidade presentes na construção desta última. Essa problemática em torno da memória e da identidade é endógena à constituição dos diversos grupos sociais. Segundo Michel Pollack, são grupos que competem na consolidação de uma história, de uma versão, de um enquadramento da memória em função de um presente (POLLAK, 1989). Na perspectiva de Pollack, a questão da identidade parece ser o campo por excelência por onde se movem esses conflitos que determinam o que deve ser lembrado, como também a forma como será lembrado, tornando assim, a questão da identidade um *locus* privilegiado dessa teia que se constitui no que Foucault denomina de *relações de poderes* ou *discursos* que se estabelecem em linhas de forças que se apoderam ou lutam para se apoderar do que deve ser lembrado ou esquecido.

Memória esquecimento: segundo aspecto

Tendo em mente o viés mais amplo na escala de análise da trama, convém olhar de perto por um foco menor, como o indivíduo opera nas relações que mantém com a memória e o esquecimento e como esta obra de Kundera se mantém dentro do campo de sintonia discursiva com preocupações de natureza da epistemologia da história como uma copiosa trilha de problematizações. Aproximemos a lente sobre a primeira personagem que merece atenção, Mirek:

Estamos em 1971 e Mirek diz: a luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento. Ele quer justificar assim aquilo que seus amigos chamam de imprudência: mantém cuidadosamente seu diário, guarda sua correspondência, redige as minutas de todas as reuniões em que discutem a situação e se indagam como continuar. (KUNDERA, 1987, p. 7-8)

O caminho da desobediência civil pela qual Mirek se insurge diante da estratégia do regime dialoga com conceitos de Michel de Certeau das “relações de forças” entre “o forte e o fraco”. O forte define uma estratégia de ação, o fraco faz uso de táticas para se inscrever na

rede de operação do forte, procurando dela tirar proveito. As definições do autor merecem a recorrência da citação:

Chamo de *estratégia* o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A *estratégia* postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças (...) chamo de *tática* a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (...) a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo” (...) É astúcia. Em suma, a tática é a arte do fraco. (CERTEAU, 2011, p. 91-95)

Essa grade de leitura torna-se possível na medida do consentimento na aplicação de conceitos do campo da história para explicar contornos de uma personagem fictícia como num espelho que reflete a imagem dos mecanismos concretos de atuação do fraco num território que lhe é desfavorável. Um espelho refletindo as possibilidades de ação no universo real de indivíduos ou grupos na esfera do cotidiano. Desse modo não se deixaria de notar nessa personagem a operação da conceituação de Michel de Certeau, que entrevendo o regime impetrar uma estratégia de esquecimento, logra êxito apenas de modo relativo. Numa leitura recorrente ao historiador francês, dir-se-ia que Mirek faz uso do que poderia ser nomeado de táticas de memória, numa ação calculada astutamente, considerada imprudente por seus amigos, por manter um segredo proibido guardado, a saber, a posse de documentos escritos pela qual tenta justificar a luta da “memória contra o esquecimento”. Assim sendo, Mirek seria a representação da agência tática do fraco no campo de atuação do forte, movendo-se nas teias do esquecimento pelas astúcias de memória. Diante de um regime de esquecimento organizado para apagar rastros, “Mirek vai se colocar com todo o seu corpo, como uma mancha. Ele ficará como o gorro de Clementis ficou na cabeça de Gottwald” (KUNDERA, 1978, p. 26).

Outro aspecto bastante significativo nesta personagem tangencia problemas da epistemologia da história no tocante a metodologia do uso de fonte oral para a representação histórica do vivido. Ao mesmo tempo em que luta contra o esquecimento exógeno, organizado por uma força superior que lhe esmaga, no âmbito de sua trajetória pessoal, quer apagar traços de sua biografia, “como um erro num dever de um colegial” (KUNDERA, 1978, p. 17). E nesse ínterim o esquecimento torna-se o aliado das batalhas de sua subjetividade. Mirek quer apagar da lembrança à época da juventude, destruir toda a centena de cartas que o

prendia a ela. O passado diz o narrador, “é cheio de vida e seu rosto irrita; revolta, fere, a ponto de querermos destruí-lo ou pintá-lo de novo. Só queremos ser mestres do futuro para podermos mudar o passado” (KUNDERA, 1978, p. 24). Este é um aspecto da subjetividade na qual põe sob suspeita todas as autobiografias. Mirek luta pelo esquecimento do tempo que pertenceu ao partido comunista, que teve uma amante chamada Zdena, uma mulher terrivelmente feia, “com um nariz gigantesco”, em que juntos “Iam às reuniões, denunciavam seus concidadãos, mentiam e se amavam”. Mirek trava um duelo obsessivo “para varrer” a todo custo, “qualquer traço de Zdena” e junto com ela os traços de “sua própria juventude detestada” (KUNDERA, 1978, p. 19-30) de forma a alcançar resultado em seu laboratório subjetivo:

Ele a apagara, a ela e o seu amor por ela, raspava a imagem dela até fazê-la desaparecer, como o departamento de propaganda do partido fizera desaparecer Clementis da sacada de onde Gottwald havia pronunciado seu histórico discurso. Mirek reescreveu a História exatamente como o partido comunista, como todos os partidos políticos, como todos os povos, como o homem (...). Lutamos para ter acesso aos laboratórios onde se podem retocar as fotos e reescrever as biografias e a História. (KUNDERA, 1978, p. 24)

Há aqui uma irônica alusão à tentação totalitária como assédio da subjetividade. As operações de memória do indivíduo sobre o passado, do que deve ser lembrado ou esquecido, são permeadas pelas relações que ele mantém com o tempo presente. O presente exerce sobre o passado as marcas de suas demandas. Esta pode ser uma armadilha quando se dá à memória a dimensão do sagrado, transformando-a em ícone da verdade. A mobilização da lembrança e do esquecimento a favor de uma memória no presente deverá colocar a investigação que toma a oralidade como fonte, sob constante vigilância pela possibilidade de usos injustiçados que em tal tempo dela se pode fazer. A fenda que muitas vezes separa o vivido de sua representação mnemônica passa por uma relação de forças em que o presente pode se transformar numa força compressora sobre o passado. A sedução totalitária de reescrever o passado não é uma dimensão da qual o indivíduo está incólume. Não parece desproposital que Mirek, um ex-membro do partido comunista, queira reescrever sua biografia. E aqui novamente a relação problemática da identidade e seus deslocamentos sofridos no tempo. É do ofício do historiador acautelar-se das armadilhas da tentação identitária. O testemunho como fonte de reconstituição do vivido é atravessado pela problemática do que somos. Quem é o sujeito que enuncia a sua fala? De que lugar do presente sua fala opera no que Ricoeur chama de “regime de lembranças”? (RICOEUR, 2007, p. 41) A fenda que corta o vivido na

constituição da narrativa e sua representação passa por uma relação de forças de cujo embate, quase sempre, o presente não tem cessado em vencer. O historiador ao dar sentido à trama de sua escritura tem o papel de interrogar as bases da soberania do presente, como diz Hartog, de ocupar o seu lugar ao lado das “sentinelas do presente” (HARTOG, 2013, p. 14)

A outra personagem que se relaciona com o tema do esquecimento é Tamina. Contra ele peleja em manter a memória de seu amado morto, ambos exilados políticos de Praga numa pequena cidade da Europa. Uma luta incessante de persecução aos vestígios que pudessem conservar as lembranças de todos os momentos vividos. Lembranças transfiguradas pelo tempo, lembranças transformadas pelo olhar de quem vê o passado do presente. Tamina vive sob o peso da memória, um fardo no qual se agarra para sustentá-lo.

Estar na ilha das crianças, no entanto, representava estar “no mundo das coisas sem peso”, “voltara para trás, longe, num tempo em que seu marido não existia, em que ele não estava nem na lembrança, nem no desejo” (KUNDERA, 1978, 165-166). Mas o adulto não pode viver por muito tempo num mundo sem o peso da memória e aquilo que momentaneamente fora leveza começa a se transformar em razão de infelicidade e vazio. “Esse saco vazio no estômago é exatamente ausência de peso”. A razão da infelicidade de Tamina em relação ao mundo das crianças, diz o narrador, “é ela encontrar-se além da fronteira do mundo delas” (KUNDERA, 1978, 174).

Se for verdade que um mundo saturado de memória poderia ser um fardo terrivelmente insuportável, o quão inconcebível e assustador não seria um mundo onde as lembranças foram varridas da ordem do tempo? “De fato, o esquecimento continua a ser a inquietante ameaça que se delineia no plano de fundo da fenomenologia da memória e da epistemologia da história” (RICCEUR, 2007, 423).

Narrador e contexto

A narração em *O livro do riso e do esquecimento* não é empreendida por uma personagem fictícia, mas pelo próprio Kundera, “o autor insurge no texto e, de forma metalinguística, tece suas considerações sobre o romance que escreve e reflete, a partir do enredo, sobre questões existenciais e elementos de sua própria biografia” (TAVARES, 2008, p. 35). Através de “egos experimentais” (KUNDERA, 1986, p. 128) o autor insinua questões instigantes sobre a problemática da memória, do esquecimento e a reboque da “História”.

É verdade que há um tom de descrença em *O livro do riso e do esquecimento* em relação à “História” que repetidamente, e não fora de propósito, aparece em maiúscula, como algo que se coloca contra o sujeito histórico, uma força que esmaga o indivíduo, falsifica o passado e controla o que deve ser lembrado ou esquecido. Este ceticismo do narrador precisa ser entendido no contexto do início dos anos 1970 quando a obra fora escrita, após o recrudescimento do regime comunista que esmagou a Primavera de Praga, perseguiu com violência toda uma geração de dissidentes que foram forçados à emigração. Kundera perdeu o cargo de professor na academia de cinema e teve seus livros retirados das prateleiras das bibliotecas públicas e livrarias. Acabou se exilando na França e é a sua primeira obra escrita no exílio. (ROTH, 2008, p. 102).

Kundera em *A arte do romance* diz que “o escritor se inscreve no mapa espiritual de seu tempo” (KUNDERA, 1986, p.130). O componente social da obra há que ser aferido como parte da cultura da memória que emergiu na Europa na segunda parte do século XX. Uma “onda de memória” que varreu a Europa e atravessou diversos continentes insurgindo-se sobre o campo das ciências humanas. O romance está ancorado nesse “mapa espiritual” da França dos anos 1970, que começa ser sacudida por essa cultura da memória, provocada pela rachadura na episteme produzida pelo holocausto em meados do século. Milan Kundera, como também seu amigo, Pierre Nora, cuja obra se situará como marco fundamental da historiografia nos anos 1980 com *Les lieux de memoire* viveram em uma época em que discursos de memória passariam a ganhar contornos globais, mas seriam também localizados a identidades nacionais. O desfecho do holocausto na Alemanha, a desestalinização do leste europeu, o fim do apartheid na África e das ditaduras na América Latina, são manifestações da onda de memória que evidenciou uma arrojada empresa de discursos de memória no mundo contemporâneo. (SCHMIDT, 2007, p. 130) Pensar o contexto, por fim é buscar entender o lugar da enunciação do romance, de que lugar no tempo o escritor tece sua obra.

Considerações finais

A literatura ao mover-se no campo da imaginação e lidar com personagens fictícias não deixará de ser terreno fértil para pensarmos questões ligadas à história, haja vista que se “inscreve num referencial mental de um período” (MOSCOVICI, 2003, p.249) tornando na maior parte das ocasiões, a viabilidade de seu imaginário indagar o concreto. Se a filosofia e as ciências sociais são bem-vindas na nossa morada, não seria razoável recusar oferecer a

literatura, essa “forma discursiva do saber moderno” (MACHADO, 2000, p. 37) como via nela Foucault, a nossa hospitalidade. A negação se explicaria por tradições enrijecidas fechadas em seu campo mental, cuja pena se traduziria em pobreza de espírito, em ausência de riqueza analítica e num sensível encolhimento de horizontes e chances de impactar.

Essa escritura não mais do que isso, foi um convite a literatura a se abrigar sob o nosso teto, um exercício de aproximação entre duas áreas que mantêm uma sintonia de séculos, desde Heródoto e Tucídides. Ademais, o encontro com este texto literário foi por mim recebido como um feliz ponto de contato com questões presentes em minha formação permitindo, de modo relativo, situar seu componente social na problematização de questões que se encontram vinculadas ao ofício de escrever e dar sentido a narrativa da história.

À guisa de conclusão resta a ressalva de um ensaio sem pretensões de análise exaustiva, figurando mais como uma tentativa de abraçar uma trama literária que representou dentro do universo do autor e de seu tempo, o tema do esquecimento e de alguns contornos das operações da memória no âmbito do público e do privado, com os quais procuramos pontuar numa análise prosaica, um diálogo ora com conceitos da história, ora com pensadores das humanidades que frequentam nosso campo. Se as contribuições dessa reflexão servirem de estímulo para pensar um pouco mais sobre o nosso ofício e permanecerem no horizonte das possibilidades de um cruzamento entre história e literatura, poderemos assim, ao menos nos reconfortar naquilo que o narrador da trama define como o plano do “infinito ilusório” do qual não é possível abrir mão:

Quando Milan Hübl desenvolvia em meu apartamento de Praga suas reflexões sobre o eventual desaparecimento do povo tcheco no império russo, ambos sabíamos que essa ideia, talvez justificada, nos ultrapassava, que falávamos do impensável. O homem, embora mortal, não consegue imaginar nem o fim do espaço, nem o fim do tempo, nem o fim da História, nem o fim de um povo, ele vive sempre num infinito ilusório. (KUNDERA, 1978, p.169)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHARTIER, Roger. **História cultural entre práticas e representações**. Tradução de M. Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2008. Universitária, 2008.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica 2013.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **A Arte do Romance**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **A Cortina**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

_____. **Testamentos Traídos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: ed. Unicamp, 1996.

MACHADO, Roberto. **Foucault: a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos históricos, n III, 1989, 2 v.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

ROTH, Philip. **Entre nós**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed, Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Cicatriz aberta ou página virada? Lembrar e esquecer o golpe de 1964 quarenta anos depois**. Porto Alegre. Anos 90, v. 14, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão** – teoria sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed. da UNB, 1995.